

Dr. Thersanos
Do Thersanos
ANNO II = Therezina, 31 de Julho de 1913. = TASC. 1

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Luiz
DIRECTOR:

Detoe
Abdias Neves.

VOL IV JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

TERESINA

CASA "ANISIO BRITO"
(Biblioteca Publica)
TERESINA

Luiz
Detoe
Luiz
SUMMARIO.— *Uma viagem no Piauí em 1830*, Alfredo de Carvalho; *Ballada*, Alcides Freitas; *O idealismo philosophico e o ideal artistico*, Hygino Cybna; *Inverno*, Da Costa e Silva; *As maravilhas do reino animal*, R. Fernandes e Silva; *Da janella*, Antonio Chaves; *Traços de um perfil*, Abdias Neves; *De olhos em lagrima*, Alcides Freitas; *A instituição do jury*, Luiz Correia; *Decisão negativa do jury*, Douville Leal; *Folklore piauiense*, Dr. J. Nogueira Paranaguá; *Paginas escolhidas*; *Bibliographia*.

Luiz
Imprensa Official

Luiz
PIAUI

1913

Matriculado, porém, na escola de medicina, atraído para o estado das sciencias positivas, esse estado devia passar logo e passar. Seu curso não era o mais proprio a desenvolver-lhe as faculdades ideativas. Em contacto diario com as misérias humanas, conhecendo, uma a uma, as fragilidades de nossa organização, depurando o espectro da morte, mais ou menos occulta, em toda a parte — no aperto de la mão avelludada, no beijo de uns lábios sanguiseos, no calice das flores, no lago que espelha o azul do céu, as aguas beatas dos santuarios, em tudo, o scepticismo empolgou-o. Ferra a anne de analyse fria, de observação paciente, de aparelhamento solido para o tirocinio futuro. Saffocou, desta modo, os primitivos estoes. E, por um momento, o homem de sciencia absorveu o poeta.

Não conheço a these que sustentou para obter o grau. Sei que trouxe uma cultura intensa, não só das disciplinas do curso, mas de literatura e philosophia. Versara os classicos. Adorava João Lisboa e Eça de Queiroz. Lera Buchner, Darwin, Haeckel, Spenser: era materialista, evolucionista, mas tolerante, de uma tolerancia que chegava ás ruínas da indiferença religiosa. Tinha um peador pronunciado para o socialismo, conhecido através das obras de Fourier e Bastiat. Admirava Joaquim Nabuco: era abolitionista intransigente.

Dahi para o periodo volitivo distava um passo. Venceu-o com o seu regresso ao Piauí, em toda a exuberancia de la mocidade nervosa, cheia de arrebatamentos, consciente das suas responsabilidades.

Aqui, entretanto, em vez de ficar em a capital, onde suas peregrinas aptidões encontravam campo aberto a ruídosos triumphos, preferiu insular-se numa villa do interior — a União.

O meio era estreito, violento o partidarismo, as paixões extremadas. A politica, praticada pelos velhos melles da lealdade e da intrançigencia, observava toda a vida local. O contacto era, a sim, irresistivel. Devia se dar e deu-se, deserte que, em breve, o joven clinico, ligado a uma das mais importantes e prestigiosas familias do lugar, era arbitro dos destinos de um dos partidos.

Corriam, no entanto, os primeiros dias de nossa vida constitucional. Adherindo ao golpe de Estado o sardoso e benemerito governador, dr. Gabriel Luis Ferreira, fica deposto. Substitue-o uma commissão de militares e civis, depois um governador militar e, afinal, o capitão Coriolano de Carvalho e Silva. Começa um periodo tormentoso de luctas, que se reflectem tragicamente na União...

Na capital, ANIMO DE ANAX, chamado de Piracurucu pelo dr. Theodoro Pacheco, trabalha, subdivide-se, impoe-se, espalha a sementeira de sua futura popularidade. Elle e o irmão completam-se. E quando ANIMO DE ANAX entrea para a representação do Estado, ANOLISO DE ANAX foi lançado

Dr. J. J. Neves

ANNO II ≡ Therezina, 31 de Julho de 1913. ≡ FASC. 1

LITERICULTURA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR:

Abdias Neves.

VOL. IV

ASSIGNATURAS:

Um anno (para a capital)	10\$000
Para o interior, outros Estados e estrangeiro	12\$000
Numero avulso	1\$000



Imprensa Official

PIAUI

1913

13-A-2

Datas *Frederico*

JOEL OLIVEIRA

RUA BARROSO, 14

TERESINA

CASA "ANISIO BRITO"

(Biblioteca Publica)

TERESINA

Uma viagem no Piauí em 1839 (*)

(PARA A LITERICULTURA.)

II

A tres de Março de 1839, o naturalista preparou-se para deixar a hospitaleira vivenda do bom e venerando sacerdote. Durante a sua permanencia ali, passára suoptuosamente, pois, todos os dias era abatida uma rez gorda, para consumo do pessoal da fazenda e dos hospedes; nas vespers da partida, foi morta uma especialmente para preparar carne secca para a sua viagem, de sorte que, com este e outros presentes de que o cumulou o padre, ficou com as canastras tão bem providas que chegou a *Oeiras* sem precisar refazer-se de viveres. Depois dum farto almoço, despediu-se do seu amavel hospede, que não o pôde acompanhar devido á presença dos outros viajantes; mas, o Dr. Marcos seguiu-o durante cerca de legua e meia, quando enfim se separaram, com mu-
tuo pesar, sendo tão raro que um individuo inclinado ao estudo da natureza encontrasse um espirito congenial naquellas remotas paragens. Depois de seu regresso á Inglaterra, Gard-

(*) Veja o fasciculo de 30 de junho ultimo.

ner continuou a corresponder-se com o seu novo amigo, que lhe enviou muitos specimens botanicos diferentes dos que colligira durante a sua breve estada em *Bôa Esperança*.

Logo no começo da jornada, occorreu um accidente que não deu bôa idéa do estado do caminho; duas léguas adiante da fazenda, tres das bêstas de carga caíram num atoleiro; a superficie estava coberta de relva e parecia perfeitamente solida, mas, por baixo, o solo ficára tão saturado d'agua que se transformára numa massa de lama viscosa. Não foi sem trabalho que conseguiram retirar os animaes, sendo preciso descarregal-os; no decorrer do dia passaram mais tres atoleiros, nenhum, porem, tão extenso.

O primeiro pouso, depois de *Bôa Esperança*, era a villa de *Sant'Anna das Mercês*; mas, duas léguas antes de ali chegar, Gardner acampou, á sombra dum joazeiro, para jantar e fazer descansar os cavallos. Nas proximas rochas escalvadas brotavam pequenos *Melocactus* de longos espinhos recurvados e, num logar arenoso e humido, o naturalista colheu muitas e bellas plantas annuas.

Ao anoitecer, chegou o comboio á vista da villa, e os viajantes aboletaram-se numa casa por acabar, pertencente ao Padre Marcos, mas que estava tão cheia de pulgas que, sô depois de accenderem uma grande fogueira no meio da sala, conseguiram obter algum repouso.

«Em outros logares do Brazil, escreveu o botanico, não raro encontrei em abundancia estes insectos em casas abandonadas; porém, jamais tão numerosos como ali; para escapar aos seus ataques durante a noite, tivemos de armar as nossas rêdes muito altas e de espirar-nos em cima duma mesa.»

A villa de *Sant'Anna das Mercês*, vulgarmente conhecida por *Jaicós*, está situada cerca de cinco léguas ao Oeste de *Bôa Esperança* e constava, então, de setenta a oitenta casas, formando tres lados duma praça quadrada, no centro da qual erguia-se uma bonita igreja. Em redor agrupavam-se muitas cabanas, da gente mais pobre, construidas de troncos e folhas de carnauba, palmeira muito abundante nas vizinhanças; alguns negociantes e artifices, como alfaiates e sapateiros, residiam, permanentemente, no logar; a maioria das casas pertencia, porem, aos fazendeiros das cercanias, que só as occupavam durante o Natal e outras festas.

Pouco depois de deixar a villa, na manhã seguinte, o naturalista subiu uma serra baixa que corria pela parte septentrional da mesma; como quasi todas as outras serras do Norte do Brazil, era de topo aplainado e consistia num grosseiro arenito alvaco muito abundante em seixos rolados de quartzito; os mesmos existiam em grande quantidade até considera-

vel distancia em volta da villa e, em muitos trechos, as estradas pareciam semeadas delles. A largura da serra, no ponto atravessado, era de legua e meia; era principalmente coberta de *Mimosas* e de *Crotons*, que, não raro, cresciam tão juntos que se tornavam impenetraveis; nos poucos sitios mais descampados havia excellente pasto durante as chuvas.

Ao descer deste taboleiro, Gardner penetrou numa planicie bem arborizada e, depois de transpôr, duas vezes, um riacho muito cheio, chegou, á tarde, á fazenda *Santo Antonio*; o caminho percorrido fôra apenas de tres leguas; mas, como o pouso immediato constava ser muito distante e fôsem mãs as informações sobre o estado dos caminhos, resolveu ficar ali até á manhã seguinte. A fazenda *Santo Antonio* era pequena, produzindo annualmente cerca de cento e cincoenta bezerros, muitos dos quaes, segundo disse o proprietario, caíam victimas das onças assás frequentes nas immediações. Tres mezes antes elle matára uma grande onça preta, cujo couro e caveira, que conservava, mostraram ter sido um animal de grande tamanho e vigor; os craneos desta e de varias fêras, mortas por elle, estavam fincados nos postes da entrada do curral.

Ao romper do dia seguinte, o botânico inglez deixou *Santo Antonio* e, após uma jornada de seis grandes leguas, alcançou um pequeno povoado chamado *Cachimbinho*; a região entre os dois logares era quasi plana e a estrada uma das peores em que já tinha transitado. O riacho, que havia cruzado no dia anterior, corria para o Oeste com curso tão sinuoso que o caminho o atravessava nada menos de vinte sete vezes e, em todas estas occasiões, devido á profundidade d'agua, urgia descarregar os animaes e transportar as cargas nas cabeças dos arrieiros; foi preciso transpôr, tambem, varias pequenas lagôas, que interceptavam o caminho, acabando o comboio por se transviar e custando muito a achar de novo a estrada.

Nas proximidades de *Santo Antonio* havia um extenso bosque de carnahuba, com muitas e grandes lagôas, que só tinham agua no tempo das chuvas. Na margem duma dellas, viu Gardner alguns dos passaros aquaticos, chamados pelos habitantes *Jabirus* (*Mycteria Americana* Linn.); semelhantes aos groues da India. São de consideravel tamanho e de côr branca, excepto a cabeça, o pescoço, o bico e os pés, que são pretos; a pelle da cabeça e do pescoço é despida de pennas. Mais tarde, o naturalista encontrou-os em muito maior abundancia nas margens de rios e de lagôas, onde andavam á caça de pequenos reptis, peixes, etc. A vegetação das outras partes da região, por que passou, era de matas virgens, á sombra das quaes brotavam o *Croton* *Bauhinia* e *Mimosas* rasteiras

Perto da fazenda chamada *Ambrosia*, a estrada passava entre grandes arvores, numa das quaes agitavam-se centenas de saguins. Afim de obter um specimen, Gardner atirou num delles; o animalzinho caiu ainda vivo e os seus lamentosos gemidos fizéram voltar à arvore todos os seus companheiros, que tinham fugido ao estampido do tiro, e ali permaneceram por espaço de dez minutos até cessarem os gritos do ferido, quando se dispersaram pelos ramos das outras arvores; era impossivel não admirar a graciosa agilidade que revelavam ao passar de uma a outra arvore, de um a outro galho.

No dia seguinte, o naturalista andou cerca de cinco leguas e, pouco depois do meio dia, chegou à fazenda de nome *Retiro*; nas duas primeiras leguas passou através de matas virgens, compostas quasi inteiramente da especie de *Mimosa* chamada *Angico* (cuja casca era usada em todo o sertão para curtir couros e cuja resina diziam constituir o principal alimento dos saguins), de joazeiros (*Zizyphus*), e de algumas grandes especies de *Bignonias*, entremeadas de *Crotons*, *Bauhinias*, *Lautunas*, murtas, etc. O caminho continuava completamente plano e, muitas vezes, foi transposto o mesmo riacho atravessado no dia anterior, mas, sem ser preciso descarregar os animaes. Após esta zona florestal, surgiu um terreno mais descampado e abundante em carnalubas; em muitos pontos o sólo era bastante arenoso e pobre de vegetação herbacea. Cerca de tres leguas antes de *Cachimbinho* havia um pequeno povoado, de nome *Samambaia*, constando dumas vinte casas esparsas; a principal occupação de seus habitantes era a manufactura de rêdes, que vendiam sobretudo aos viajantes de passagem por ali. Eram feitas de algodão, que cresce muito bem nas cercanias.

De *Samambaia* em diante o terreno continuava muito plano até pequena distancia de *Retiro*, onde se torna ondulado, apresentando diversos serrotes de calcareo, quasi despido de vegetação, ou dum bello arenito vermelho jazendo sob o calcareo, cheio de nodulos de minerio de ferro que, devido à decomposição da rocha, estavam bastante semeados pela sua superficie; havia-os de todas as dimensões, desde particulas minusculas até blocos arredondados do tamanho de dois punhos; eram de côr negra, ou bruno escura, assumiam grande variedade de forma e, a julgar por seu peso, deviam ser muito ricos em ferro. A fazenda do *Retiro* estava situada num terreno elevado, na margem do *Rio das Guaribas*, um dos maiores, até ali encontrados por Gardner, mas que, devido à secca recente, estava tão baixo que, na manhã seguinte, foi atravessado sem difficuldade; nas suas barrancas havia signaes de cheia não muito antiga. Com duas horas de marcha, chegou o

naturalista á fazenda *Boqueirão*, na qual, em consequencia da chuva, permaneceu até á manhã seguinte, quando seguiu viagem por terrenos geralmente planos, mas cheios de penhascos isolados, contendo poucas arvores e muito escassa vegetação herbacea, alcançando, após quatro leguas de caminho, a fazenda *Canabrava*.

Esta propriedade pertencia ao Coronel Martins, pai dos dois cavalheiros do mesmo nome encontrados em *Bôa Esperança*, e irmão do Barão de Parnaíba, Presidente da provincia do Piauí. Portador de cartas de apresentação do Padre Marcos, Gardner foi ali acolhido com grande urbanidade e farto agasalho; ali passou a noite e, na manhã seguinte, não consentiram partisse sem almoço com café, que o Coronel aconselhava como excellente preventivo de sezões, muito frequentes, naquella epocha do anno, na região em que iam penetrar. Aquelle venerando cavalheiro estava de luto pesado, devido á perda dum filho que, pouco antes, fallecêra repentinamente na sua fazenda, distante dali vinte quatro leguas. Como a estrada se ramificava em varias direcções, pouco adiante da casa, o Coronel mandou um escravo indicar o verdadeiro caminho a seguir. Após uma jornada de cinco leguas e meia, através de bellos campos relvosos e cheios de magnificas boiadas, chegou Gardner á fazenda chamada *Canavieira*, de propriedade do Major Clementino Martins, com quem tinha estado em *Bôa Esperança*. Havia alli um extenso cannavial, e foi o primeiro encontrado depois de *Brejo Grande*. Como o Major nunca residia naquelle logar, a casa era pouco confortavel e estava muito arruinada, pelo que foi mistér pernoitar debaixo duma especie de telheiro, em manifesto contraste com os excellentes aposentos da noite anterior em *Canabrava*. Um ou dois dias depois de ali ter dormido, o viajante sentiu os pés invadidos pelos insectos denominados *bichos* (*Pulex penetrans*, Linn.). Só são encontrados proximo ás habitações e existiam em todos os pontos do pais por elle visitados, desde a costa até ao districto diamantino. Introdzem-se debaixo da pelle e ali depõem as suas larvas, morrendo o insecto; de começo se revelam pela sensação nada desagradavel de prurido que provocam ao penetrar na pelle e são facilmente extraídos com um alfinete, ou a ponta dum canivete. Quando attingem á maturação, o abdomen torna-se um sacco, do tamanho de uma ervilha pequena, cheio de ovos, de côr amarellada, e o ponto toma o aspecto duma apostema. Si o referido sacco e o seu conteúdo não são cuidadosamente removidos, pode advir uma ulcera maligna; não raro os pés de pretos negligentes, que descuram de extrair os insectos, ficam em tal estado que se torna preciso amputa-los.

«Nesta jornada, escreveu Gardner, augmentei as minhas collecções botánicas de muitos specimens novos e bellos; ao passar por um morro baixo e plano, cujo topo era assás rochoso e escaldado, encontrei largos trechos cobertos duma *Cuphea* frutifera anã, de folhas pequenas, carregada de flôres purpureas e, ao primeiro aspecto, esta planta me pareceu tão semelhante ao tojo de minhas collinas nataes, que pensei haver encontrado uma nova especie daquelle genero; si bem que logrado, este pequeno incidente despertou-me agradaveis recordações da patria. É facto notavel, na distribuição geographica das plantas, e geralmente desconhecido dos que se não consagram ao estudo do assumpto, que sendo os tojos muito communs na Europa e na Africa, nenhuma só especie delles foi até hoje achada no continente americano, quer no Norte, quer no Sul. Isto é tanto mais singular quanto a grande massa da vegetação no Cabo da Boa Esperança é constituída por estas plantas, cerca de quatrocentas differentes especies das quaes já foram ali colleccionadas.»

Seis leguas adiante de *Canaxieira*, o naturalista alcançou a margem do *Rio Conindé*, num lugar chamado *Paisagem de Dona Antonia*, distante menos de legua e meia da cidade de *Oeiras*. A estrada atravessára quasi constantemente uma floresta de carnalubas e, como o *Rio das Guaribas*, o qual marginava, tinha recentemente transbordado à grande distancia de ambos os lados, os caminhos estavam pessimos, devido ao grande deposito de lódo, por vezes de mais dum pé de profundidade. Em muitos logares o aspecto limoso dos troncos das palmeiras indicava que a enchente as cobrira até à altura de doze pés. Naquelle estação eram frequentes as febres intermitentes e malignas, devidas às exhalações das terras inundadas pelas cheias. Já sendo tarde para atravessar o rio e alcançar a cidade antes de anoitecer, Gardner pousou, em companhia de outros viajantes, na casa da passagem.

Na manhã seguinte, 12 de Março de 1839, toda a bagagem foi transportada à outra margem, numa pequena canôa, que teve de fazer varias viagens, e os animaes atravessaram a nado, um a um. Caminhando por um terreno plano e arenoso, coberto de pequenas arvores e de arbustos lindamente floridos, chegaram à cidade de *Oeiras*, pelas onze horas do dia.

Recife.

ALFREDO DE CARVALHO.

(Continua)



BALLADA

Bem dita seja a Lúa! E, mil vezes bem dito,
Sejas tu, ó Luar!
Branco Luar de Amor que eu quizéra infinito
Como o céu, a vida e o mar . . .

Sejas bem dita, ó Lúa! E, ó Luar, eu te bem digo,
Meu bom Luar amigo,
De nervosos e castos esplendores!
Confidente fiel dos meus amores,
Tão cheios de mysterio e de segredo,
De arroubo, de paixão, de sonhos e de medo . . .

Só tu, pallida Lúa encantadora,
Com teu olhar nostálgico e doente
De virgem pulchra e sonhadora,
Viste, com que desejo,
Eu e Ella nos unimos, cegamente,
Na vertigem febril daquelle humal o beijo . . .

O beijo — é a voz das almas amorosas,
O canto do silencio, e o gemido do Amor!
O teu beijo, Querida, expungiu minha dor!
Mudou-me a terra em céu de sonhos e de rosas! . . .

Nos meus braços tomei — A, apaixonada e langue,
Collei a minha bocca á sua bocca ardente,
E ao estalar do beijo a tremula ballada,
Symbolica e frmente,
Pensei ouvir a musica agitada
Dos nervos e do sangue . . .

Momento inesquecível,
Sempre — eterno momento passageiro,
Immenso, poderoso e breve como o vento . . .
Tentar te descrever? . . . Não se pinta o Invisível!
Inesquecível momento,
Tu resumiste em ti o meu viver inteiro! . . .

E só nos viu o Luar
— O nostálgico olhar
Da Lúa que vagava, ás tontas, no infinito! . . .
Seja bem dita a Lúa e, mil vezes bem dito,
Sejas tú, ó Luar! . . .

O IDEALISMO PHILOSÓPHICO E O IDEAL ARTÍSTICO (*)

XV

Todas as memoraveis conquistas, todos os gloriosos feitos com que o século passado contribuiu para a obra colossal da civilização, foram dominados, em sua segunda metade, por dois movimentos principaes, cada qual mais imponente e irrepemivel: um intrínseco e visceral, convulsionando todo o organismo da sociedade; outro, extrínseco e expansionista, alastrando-se por toda a superficie do planeta. Ruy Barbosa assignalou-os no seu magistral artigo de 1.º de janeiro de 1901, na *Imprensa* do Rio, sob a epigrapha *No século XX*. Disse o incomparavel Mestre: «Assim como a era das reivindicações separatistas e da liberdade politica verdadeiramente se instaura nos últimos lustros da centúria passada (em 1776 com a independencia americana, ou em 1789, com a revolução franceza), o século vinte, si os séculos se discernissem pela irradiação de novos signos na órbita do mundo, dataria do antepenúltimo decennio do actual. E' de então, apoz as victorias allemães, que assomaram claramente no horisonte as duas questões, os enígmias, e os dois perigos, em cujo círculo de tormentas vai entrar o género humano: o socialismo e o imperialismo. São as duas idéas fixas da civilização moderna: a primeira sob a fórmula de um pesadello cruciante; a segunda com

(*) Veja o fasciculo de 30 de junho.

as seducções de uma atracção irresistível». Todas as grandes potencias europeas, excepto a Austria, alargaram os seus domínios para além dos mares. A Allemanha e a Italia chegaram por ultimo, e mostraram logo a mesma soffreguidão na faina expansionista. A Inglaterra continua a occupar a primazia pelo poder assombroso das suas esquadras e pela extensão descommunal das suas possessões; mas já não teme a *revanche* da sua antiga rival: tem que contar agora com os avanços da Russia e, principalmente, da Allemanha. Por isso, ultimamente, na guerra balkanica, formulou-se o triplice accordo (*entente*) para contrabalançar a pujança da triplice alliança. E' assim que se mantem o equilibrio europeu. Já nos últimos lustros do famoso século das luzes, a Europa, que desfrutava a hegemonia da sciencia ao serviço da força, viu surgirem ex-abrupto mais duas potencias mundiaes, que perturbaram todos os seus planos absorventes: os Estados Unidos na guerra contra a Hespanha, em 1878, arrebatando-lhe as derradeiras joias do seu imperio colonial; o Japão impondo-se ao respeito universal na guerra chino-japoneza em 1895, e, logo depois, encontrando-se com todos os soldados europeus-americanos no imperio celestes, disputando á avidez occidental o seu quinhão régio nos despojos do oriente. A guerra russo-japoneza, já neste século, veio coroar a obra gigantesca dos nippões, affirmando a sua supremacia naquellas longínquas e cobiçadas plagas.

O século XIX começou com as guerras napoleonicas, a batallia de Marengo e a sujeição da Italia: o grande curso annunciava o eclipse do mundo no disco de um génio; terminou com a guerra chino-japoneza, a guerra hispano-americana e a guerra anglo-boer; todas guerras de ambição e de conquista e de aniquillamento, que «esboçam os pródomos do mais desmarcado conflicto, a que nunca assistiu a espécie humana». Os factos recentes e actuaes provam que o imperialismo prosegue na sua marcha triumphal. Ruy Barbosa descreveu-lhe todos os impetus bellicosos no presente, e procurou descortinar-lhe a immensa trajectória no futuro, até com relação ás fracas nações sul-americanas. A espada, que Washington embainhara, para não sahir á lucta sinão em defesa da liberdade, paira por sobre o mundo como um espantalho aterrador. Falta-lhe apenas o córte do isthmo de Panamá para garantir-lhe a suprema arbitragem no concerto das nações.

Passemos ao socialismo, a que o insigne publicista brasileiro não quiz, pela contingencia do periodismo diario, dar o devido desenvolvimento, compativel com a sua vasta erudição. Não se trata aqui dos sonhos philanthrópicos, nem das phantasias utopistas, que certos theoristas deram desde Pla-

tão na sua *República*, até Robert Owen na sua *Nova Harmonia*. Trata-se de um estrondoso grito de alarma, de um movimento moderno de reacção contra a concentração excessiva do capital. E pôde ser definido—o systema daquelles que querem transformar a sociedade pela incorporação á communitate dos meios de producção, a volta dos bens á collectividade, a repartição entre todos do trabalho commum e dos objectos de consumo. Karl Marx foi um dos seus maiores fundadores (1818—1883). As grandes conquistas liberaes da revolução franceza, abolindo todos os privilegios e proclamando os direitos do homem, deu em resultado levantar o terceiro estado, a burguezia, á classe prepoderante na sociedade contemporanea, graças á applicação das machinas e de outros meios industriaes ás fabricas e usinas. As pequenas existencias, a pequena lavoira, a pequena propriedade, e com ellas os artifices, as tendas de officiaes urbanos, não podendo entrar, na producção, em concurrencia com as empresas collossaes dos grandes capitalistas, definharam e ficaram de todo anniquiladas. Dahi surgiu um disequilibrio formidavel no mundo económico, influindo perniciosamente em todas as funcções sociaes. Diz o dr. Farias Brito: «Pelo regimen actual, ou, como o chama Karl Marx, pelo regimen burguez, dividem-se os homens em capitalistas e proletarios, comprehendendo-se no primeiro grupo todos os ricos e poderosos, no segundo, os miseraveis de todo a sorte, todos os que vivem do seu trabalho, e entre estes os que apenas ganham o indispensavel para sustentar a si e aos seus, e mesmo os que, não encontrando em que trabalhar, não têm de que viver, e vivem ao acaso, desesperados de todos e de tudo, recebendo uma esmola de uns, soffrendo a cada instante um insulto de outros. Estes fórman a grande massa, a grande maioria. Imaginemos um banquete, no qual os primeiros convivas que chegam, tomam conta de todos os pratos e talheres; e quanto aos outros, em maior numero, que chegarem por último, estes, que se limitem a olhar. Ha manjar para todos, de sobra. Mas acreditam alguns que têm logar no estomago para tudo. Ficam, entretanto, fartos aos primeiros bocados; mas querem que tudo lhes pertença por direito de primazia; e deste modo nem comem, nem deixam os outros comerem. Tal é o quadro da sociedade. O mundo é só dos grandes e poderosos. Quanto aos pequenos, os desclassificados, os desprotegidos de toda a sorte, são massa inerte, e, pois, com todo o direito podem ou devem ser reduzidos á condição humilhante de machinas...» Esta é a linguagem de todos os socialistas e de todos os pensadores imparciaes. A massa enorme do quarto estado, inclusive o proletariado, que gosa

do suffragio popular, lê jornaes e frequenta escolas, substitue, no mundo actual, os antigos escravos e trabalha para a engorda dos *grossos parasitas*, que já se não contentam com alguns milhões e se tornam archimillionarios, na exploração dos verdadeiros trabalhadores. E' contra este estado social, filho do materialismo atheu e do egoismo infrene, que se insurge o socialismo, cujos progressos são evidentes por toda a parte. O partido socialista é cada vez mais forte na Allemanha, na Italia, na Inglaterra e em todas as nações civilizadas. Ainda ha pouco, pleiteou nos Estados Unidos a eleição presidencial, obtendo um milhão de votos para o seu candidato, Eugenio Debs. O seu nobre esforço não foi de todo perdido, porque os conservadores, apesar de amparados no governo e nos *trusts*, foram vencidos nas urnas, sahindo victorioso um democrata, Woodrow Wilson, cujo programma é aniquillar os monopolios capitalistas, em beneficio das classes populares. O novo partido socialista se impõe nas eleições, nos parlamentos, realiza congressos internacionaes, promove greves reivindicadoras, fôrça os governos a fazer-lhe concessões razoaveis e a crear o ministerio do trabalho, como na França e na Inglaterra. Hoje—diz Liebknecht—só se pôde aferir o valor dos estadistas pelo grau de maior ou menor importancia que para elles tenha a questão social; esta é a medida da sua capacidade de previsão e da sua penetração de vista sobre o futuro. Mesmo sem chegar ao extremo de uma revolução geral, com todo o seu cortejo de lagrimas e sangue, ou do aniquilamento da ordem social pelo anarchismo rubro, é innegavel que o socialismo ha-de attingir os seus avos supremos:—uma justa distribuição da riqueza entre os homens e a consequente paz universal. As suas recentes e assinaladas conquistas autorizam esta esperança consoladora. A história é como uma teia inconsútil, cujas tramas se fiam incessantemente, sem principio e sem fim. Para provar que marchamos já na larga via do futuro, Liebknecht se serve desta imagem bellíssima: «Quem não tem visto, em um dia de outomno, deante de si, um branco nevoeiro? Vamos-lhe ao encontro, e elle fôge de nós; si olhamos para traz, vemos que elle nos precede. A verdade é que nós estamos dentro do nevoeiro. Tambem na história estamos dentro da revolução social.»

Donde é que o socialismo tira a força espantosa com que vai reformando a sociedade? Qual o sentimento profundo que o anima e agiganta? Não é certamente só do choque dos interesses materiaes e egoistas. A sua fôrça, o seu enorme prestígio, nasce do idealismo, do confronto entre a realidade brutal e o ideal superior. O pessimismo, com que os

socialistas escarpellam as mazellas do regimen burguez, não é deprimente nem desanimador: ao contrario, prova que devemos confiar no futuro. «Esse pessimismo—observa Novicow—em parte provem do abysmo que hoje existe entre o nosso ideal e a realidade. Ora, si este abysmo é tão grande é porque o nosso ideal se elevou, e precisamente essa elevação é bem propria para levantar a nossa energia. Outr'ora, todos os paizes se contentavam em viver ao deus-dará, julgando-se no auge da felicidade, quando haviam arrancado uma provincia ao vizinho; agora sonhamos com uma humanidade toda unida e pacificada e com os bens desse mundo distribuidos equitativamente por todos os habitantes do globo terrestre.» O socialismo é o verdadeiro ideal da fraternidade universal em opposição ao individualismo, que é o culto de si mesmo, desviando os recursos e os meios da civilização do uso legitimo da comunidade, e applicando-os aos seus instinctos e appetites, aos seus caprichos e phantasias. Nós temos—exclamava um dos chefes do socialismo allemão—nós temos o que constitúe a força da religião... a fé na victoria da justiça e da idéa, a firme convicção de que o direito deve triumphar e a injustiça ter termo... Sim, nós temos a fé, nós sabemos que marchamos para a conquista do mundo.» As idéas illuminam o caminho da humanidade; mas são as paixões instinctivas, os sentimentos irresistiveis, que a fazem marchar para a terra da promessa. O ideal é como a columna de fogo que guiava o povo hebreu no deserto, através de todas as provações.

Foi por ter promettido explicar tudo mecanicamente, quer na natureza, quer na sociedade, segundo o methodo positivo ou empirico-materialista, que a sciencia, ou, melhor, o *scientismo*, na opinião de muitos, fez bancarrota. Por toda a parte, salta aos olhos a insufficiencia do positivismo e do naturalismo para a explicação das questões de origem, de essencia e de fim, no homem e no universo. No mundo organico e social, o *mecanicamente inexplicavel* de Kant já não é um resto, mas quasi tudo, e temos assim que appellar para a religião, para a metaphysica e para o ideal. O ideal é D. Quixote *versus* Sancho Pança: é Ariel *versus* Caliban. Como Olavo Bilac, não cremos que a imbecillidade e a injustiça possam um dia ter um termo; mas não cremos, tão pouco, que possa morrer o ideal, que eternamente protesta contra a eterna imbecillidade e contra a injustiça eterna.

XVI

Tem-se querido estabelecer uma incompatibilidade invencivel entre as artes estheticas e os progressos da industria

moderna. Este argumento prende-se aos avanços das sciencias, que ora precedem, ora seguem as applicações práticas industriaes. Tambem se liga ao materialismo egoista, que domina as grandes empresas capitalistas dos tempos actuaes. É uma face nova da mesma questão, que já temos debatido em outros capítulos deste estudo.

Não ha negar que a civilização contemporanea assenta na sólida base das sciencias e das industrias: cada descoberta de umas determina immediatos processos mecânicos nas outras. Assim como a bússola, a pólvora e a imprensa encerraram o cyclo ds idade média e alargaram os horisontes de todos os nossos conhecimentos, transformando por completo a vida individual e social, assim tambem o vapor, a electricidade e outros inventos scientifico-industriaes revolucionaram todos os nossos costumes e as nossas idéas e sentimentos. Calcula-se que só a descoberta da hulha forneceu á Inglaterra uma fôrça applicada ás machinas a vapor, equivalente ao trabalho annual de duzentos milhões de operarios. Sulcam os mares em todos os rumos enormes mastodontes de aço das marinhas de guerra, com os seus canhões formidaveis, garantindo o commercio universal e o respeito entre as nações; perfuram-se os montes na construcção de tunneis e viaductos, por onde passam as locomotivas em galope veloz, aproximando os povos; levantam-se pontes por sobre abysmos como o do Niagara ou por sobre cidades vizinhas, estreitando-as num vinculo permanente como entre New-York e Brooklin; os edificios urbanos tocam as nuvens, contando escalar o firmamento em dezenas de pavimentos aereos, superpostos a outros subterraneos; lançam-se estradas de ferro interoceanicas e cortam-se isthmos intercontinentaes; canalizam-se rios, lagos e mares; o telégrapho, com ou sem fio, põe em comunicação constante as terras mais longinquoas; percorrem-se os fundos das aguas marinhas, devassam-se os pólos gelados, escala-se o céu recamado de estrellas por meio do telescópio e o infinitamente pequeno por meio do microscópio; torna-se cada vez maior a dominação do homem sobre a natureza. A sua última conquista na mecânica applicada é o aeroplano, librando-se e movendo-se no ar como os pássaros, em todas as direcções.

Mas francamente não podemos afinar como tudo isto, que é o assombro do genio humano, pôde ser nocivo ao sentimento esthético e á imaginação creadora, que é o característico do proprio genio, como tetemos occasião de demonstrar mais adeante. Então, quanto mais recursos tivermos de dominar a terra e comprehender a vida e o universo, menos aptos ficaremos para os estos da belleza? A industria sempre existiu entre os homens e até entre os animaes que foram os

nossos naturaes preceptores na construcção dos ninhos, das cavernas, das colmeias e de muitas outras artes uteis. Os progressos industriaes só se pódem realizar com uma certa divisão do trabalho. Na antiguidade clássica, estava elle reservado aos escravos, que ás vezes constituíam grande maioria sobre a população livre, como na Grecia. Aos cidadãos competiam as funcções políticas, os estudos literarios e o cultivo das artes. Já vimos a origem humíllima dos engenhos bellicos. Apesar dos costumes barbaros e brutaes, que reinavam por toda a parte, da crueldade mais horrorosa para com os vencidos, da desigualdade profunda entre os senhores e os escravos, da grosseria dos utensilios dos artífices, nem por isso a poesia deixou de florescer em muitos povos, antigos, que nos transmittiram os seus poemas immortaes—o *Ramayana*, o *Mahabharata*, a *Biblia*, a *Illiada*, a *Odissèa*, as tragedias de E'schylo, Sóphocles e Euripedes e poesias lyricas numerosas. Si com aparelhos rudimentares e grosseiros de trabalho aviltado pela escravidão, os antigos não perderam as faculdades esthéticas, como é que a sociedade actual ha-de perdê-las por ter augmentado prodigiosamente os seus meios de acção na guerra como na paz?

Demais, o que nos impressiona e commove ao vermos os machinismos modernos, as fábricas e as usinas, não é propriamente o seu aspecto externo, a sua *plástica*. Por este lado, lembram os monstros primitivos da natureza, como os *manmuths* e *plesiosarus*. O que faz o encanto, a belleza e até o sub'lime dellas, é o movimento, a vida, o engenho humano, que as inventou e dirige para satisfação das nossas necessidades organicas e sociaes. A sua força motora está condensada, occulta no seu seio, aguardando o momento opportuno para se tornar activa e productora. Cada usina, cada fábrica ou officina, cada vaso de guerra ou mercante, cada laboratório é um mundo onde palpita a vida com todas as suas ancias e desesperos, com todas as suas aspirações de grandeza, com todas as suas miserias. É o homem, escravo da gleba terrena, mas contemplando o infinito resplandescente do ideal.

Os homini sublime dedit cœlumque tueri
Jussit et erectos ad sidera tollere vultus.

(*Ovidio*).

Pintando o quadro mortificante do trabalho das creanças nas manufacturas, V. Hugo começa por nos dizer que ali «tudo é de bronze ou de ferro, onde não se brinca nunca» e

este simples traço evoca toda a miseria da infancia martyrizada nas usinas como perigo do futuro da raça, e levanta protestos de reformas contra os exploradores sem entranhas.

Mesmo sob o ponto de vista physico ou da perspectiva, as máchinas colossaes dos nossos tempos não são destituidas de belleza. O navio, que reponta ao longe na curva do horizonte, lançando um fumo tenue, esbranquiçado, sobre o azul ceruleo do mar, mostrando aos poucos os seus agudos mastarões e levantando-se lento, lento sobre as vagas, semelha uma goivota esvoaçando na amplidão, luctando pela existencia, saudosa das plagas percorridas e ansiosa pelo abrigo da terra firme, aonde vai buscar o repouso e os gózos do amor. Quanta illusão e quantos sonhos dentro daquela embarcação entregue ás vicissitudes das ondas! É a partida com as suas infinitas saudades, deixando em terra o seio da familia, o carinho e as delicias do lar, levando a patria num symbolo arvorado á rosa dos ventos?

«Vai para o mar
Navio triste, adormecido junto ao cães;
Não ouças mais
A voz nervosa, a voz chorosa das guitarras
Nas mãos inquietas dos marujos, dos arrhaes!
Quebra as amarras! vem do mar um arrepio
De amor vendido nas tabernas sobre o rio,
Amor brutal, que mal abraça logo esquece,
Amor sem dôr, beijos sem prece,
Beijos que mordem, que magôam, mas não prendem,
Mas ao partir, para galgar com rapidez
A noite e o espaço.
Atira ao fundo com o teu lastro d'amargura,
Com o teu lastro de tristeza e de cansaço,
De vida morta, de vida impura,
E a proa em riste, entre gaivotas a cantar,
Vai para o mar.»

(João de Barros).

Foi recitando esta poesia que o festejado vate lusitano epilougou a sua primeira conferencia literária, realizada a 1 de agosto último (1912), no salão do «Jornal do Commercio» do Rio, delirantemente applaudido pelo escól da intellectualidade carioca. É uma peça incontestavelmente bella; mas peço venia para objectar que a maruja portugueza não se compõe toda de *habitués* das tabernas, gastos nos «beijos que mordem, que magôam, mas não prendem». Faço-lhe justiça; pro

que de outro modo não seria digna de representar a patria e a civilização nos portos commerciaes do mundo e muito menos nas batalhas navaes. Essa vida morta e impura, com lastro de tristeza e de cansaço, sahida dos lupanares, não habilita ninguem para os arduos e heroicos misteres do mar. A marinheiros de tal jaez se deveria gritar: não—vas para o mar», mas—fica em terra», para serem recolhidos a colonias correccionaes ou a casas de saúde.

Outro quadro bellissimo, mesmo sublime de horror, é o encontro de duas esquadras inimigas, aparelhadas com todos os recursos da sciencia e da industria modernas, com todos os seus formidaveis engenhos de destruição. Supponhamos a batalha naval de Tsuchima, em 1905, entre a frota japoneza commandada pelo almirante Togo e as esquadras russas commandadas pelo almirante Rodjetsvenki. Partem duas esquadras russas; uma, do Baltico, pelo Atlantico, para contornar o sul da Africa; outra, do Mediterraneo, pelo mar Vermelho, afim de fazerem junção no oceano Indico e seguirem para as aguas japonezas. O archipélago nippônico está cercado por centenas de vasos de guerra, de todos os lados, tanto belligerantes como neutros, de todas as nações do mundo. Os reporters acompanham todas as operações bellicas, transmitindo-as incontinentemente aos seus jornaes. Todas as chancellarias estão a postos nos seus aparelhos telephônicos e telegraphicos, á escuta. É um espectáculo assombroso; são dois continentes, duas civilizações, duas raças com as suas religiões diferentes, que se chocam no mar, num momento decisivo e supremo. São cinco horas da manhã, um nevoeiro subtil intercepta quasi os raics dos holophotes de bordo e de terra. Afinal, descortinam-se, ao longe, as scintillações dos pharões da marinha russa que se approxima, tomando rumo do mar Amarello, entre a China e o Japão, procurando uma base de operações em Vladivostok, único porto fortificado que lhe resta no litoral asiático, em péssimas condições estratégicas pelos rigores do clima e pela posição, além do Imperio do Sol Nascente. Às 7 horas da manhã, no estreito que separa a Coréa do Japão, perto das ilhas Tsuchima, à distancia de dois kilometros, Togo ordena aos seus torpedeiros assumir a vanguarda offensiva, atacando os coiraçados inimigos. Rompe o fogo de lado a lado, estrondoso, horrisono, como si um cataclismo cósmico abalasse, conflagrasse e confundisse a terra no chaos universal.

Em alguns minutos, estava completamente destruida a pavarosa potencia marítima da Russia, com toda a sua descommunal ambição de açambarcar o Extremo Oriente e sujeitar a civilização enropéa ao seu *knout* regenerador. Todo

o trabalho posterior do dia consistiu em aprehender os destrócos dos barcos derrotados, recolher os prisioneiros e agasalhar-os com cavalheirismo superior. A's seis horas da tarde, estava tudo acabado, e o mundo inteiro cahia das nuvens deante de uma nova potencia amarella, capaz de conter no Extremo Oriente a insaciavel cobiça dos occidentaes, cuja supremacia estacou em face de um novo enigma, que bem merece esta paródia:

«Talhado para as grandezas,
Pra crescer, crear, subir,
Um novo mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
Estatuario de colossos,
Cansado doutros esboços,
Disse Deus inda uma vez:
Segue, Togo, abre a cortina
Da minha antiga officina,
Mostra o valor japonez.»

Qual a significação dessa grande e memoravel batalha, talvez a maior e mais memoravel, até hoje, que a historia ha-de registrar nos destinos da humanidade? Aquelle estupendo certamen tinha por base as industrias e as artes mechánicas, supedaneos de toda a civilização; convergiram para ali todas as vistas do mundo; a sciencia, a política, a religião consorciaram-se naquelle instante para dar novo impulso aos acontecimentos. É porque então só a arte, a esthética, havia-de ficar excluida do concerto universal? Não, mil vezes não: tanto no ponto de vista panorámico, physico ou material, como sob o aspecto scientifico e esthético, aquelle estupendo successo marca uma nova era, que o futuro discriminará.

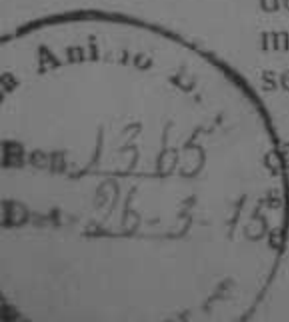
Dado, porém, de barato que as máchinas, as usinas e as fábricas modernas fossem anti-esthéticas, que importaria isto? A poesia não está limitada a este ou áquelle departamento particular da actividade humana; a poesia abrange tudo, como já dissemos e não cansamos de repetir. «A poesia é a arte por excellencia. Comprehende tanto o mundo dos phenomenos como o dos espiritos: esculptura os versos e pinta a natureza e os costumes; edifica templos mais magnificos do que os da architectura; a dança e a música lhe são tributarias. Estas duas últimas envolvem a palavra e o verso, como a esculptura e a pintura cobrem os monumentos. Como o architecto, o poeta faz um plano de sua obra, cujas partes concorrem para o mesmo fim. A architectura satisfaz a necessidades sociaes, como a palavra tambem satisfaz a outras, e de

mais esta é a senhora absoluta das relações. Ambas transmitem ao futuro a historia completa dos povos; mas a primeira não exprime sinão as idéas e as necessidades em um dado momento, enquanto a arte da palavra exprime todas as idéas, todas as necessidades e todas as relações. A poesia completa, além disso, o templo e o theatro, vindo habitar nelles. Assim como a arte oratória móra nas igrejas e nos pretórios, assim tambem a prosa domina as escolas e os amphitheatros. A arte é só uma no fundo, como o Ser, e suas manifestações como as do Ser, se diversificam ao infinito, no tempo e no espaço.»

XVII

Lancemos um golpe de vista sobre as condições psychicas ou intrinsecas do artista. Trata-se de saber si o espirito scientifico que penetra pouco a pouco a humanidade e robustece os cérebros de geração em geração, não destruirá, com o andar dos tempos estas três faculdades esthéticas: a *imaginação*, *instincto creador* e *sentimento*. Dizem, entre outros, Hartmann, Renan e Strauss, que o reinado da sciencia, succedendo ao das lendas e religiões, engendraria o do dominio da *insipidez* e que sem *mysterio* e *superstição* não ha verdadeira poesia. Tobias Barretto, afirmou com razão que «aprender é *desilludir-se*. O systema de Copernico *desilludiu* o espirito humano de uma vã imagem dos sentidos. Isto mesmo está de accôrdo com o facto e a significação da experiencia. Esta fonte de todo saber, a chamada mestra da vida, é mais negativa do que positiva; ella consiste menos em adquirir verdades novas do que em arredar velhas e falsas idéas. Não é em vão, mas antes com muito senso, que o homem experimentado costuma falar das suas *desillusões*». Até ahí muito bem. E o grande pensador brasileiro teve a cautela de cultuar as artes, separando-se assim dos pessimistas allemães e dos seus epigonos francezes. E' uma profanação inaudita do *scientismo* o tentar a todo o transe anniquilar as manifestações mais nobres e conspicias que ornam a fronte dos genios e servem de vehiculo a todo o progresso, renovando, constantemente, as sociedades e os povos. A sciencia, em vez de ser o pharol da civilização, passaria a ser uma espécie de mancenilha, arvore de morte para as pessoas que se abrigassem á sua sombra, ou lhe provassem o fruto prohibido.

Os psychólogos distinguem duas espécies de imaginação: a *imaginação reproductora*, ou *memoria imaginativa*, que limita a reproduzir as imagens ou percepções passadas, e a *imaginação creadora*, ou *productora*, que crêa ou combi-



na objectos novos. A primeira pertence ás operações sensitivas; a segunda é do dominio intellectual. Entre estas duas fórmulas costumam collocar uma intermediaria, chamada *imaginação passiva* ou *automática*, a qual tambem combina e modifica as imagens da memoria, mas se manifesta involuntariamente, fatalmente, sem direcção e sem regra, em três estados psychológicos distinctos: a *scisma*, o *sonho* e a *alienação mental*. Em todos elles, a phantasia é espontanea e desordenada, annullando tanto mais profundamente o poder da vontade, quanto mais intenso ou grave é o arroubo da consciencia. A imaginação torna-se creadora quando as suas operações tendem a formar construcções novas, *ficções*, é certo, mas sujeitas á critica da razão e á disciplina da vontade. No seu grau mais elevado, confunde-se com o proprio genio. «Consiste—ensina Paulo Janet—em se unir ao entendimento, e em não empregar os symbolos, as figuras, as imagens sinão para exprimir idéas, limitar e coordenar as suas recordações, ligando-as em uma unidade superior. A união do intellegivel e do sensivel em uma fórmula precisa, tal é o supremo esforço da imaginação: não é mais uma nuvem fluctuante, uma fantasmagoria de imagens, uma torrente de côres ou de sons: é um objecto determinado: é uma estatua, um quadro, um edificio, um canto, um poema, um discurso eloquente. A natureza fornece a côr, o mármore, a linha, o som, a palavra: a imaginação infunde-lhes o sentimento, a idéa.» Na enumeração acima, o philosopho francez contemplou sómente as obras d'arte; mas logo adiante, tratando das diversas funcções da imaginação creadora, elle acrescentou que, sendo ella uma *faculdade inventiva*, está por toda a parte onde ha invenção, distinguindo-se primeiramente em *imaginação scientifica* e *imaginação esthetica*. Dahi passa para todos os departamentos da vida, na guerra, na paz, no commercio, na politica, na moral e na prática da virtude. Si ás vezes é factora de erros, pois *erre humanum est*, em compensação é della que nascem todas as verdades novas, todas as descobertas propulsoras da acção e do progresso entre os homens. Os grandes homens são os descobridores das leis e os inventores de grandes e bellas maneiras de interpretal-as e applical-as.

E' enorme a parte da imaginação nos destinos do homem. Toda a nossa felicidade, ou infelicidade, está pendente da nossa potencia inventiva; porquanto a felicidade, no dizer de T. Barreto, não é filha da razão, nem da riqueza; não é um bem que se possua; mas é um dom natural, um talento, que sóbe por vezes até á altura do genio.

Mas que é o genio? Em que consiste a ideação superior que caracteriza os grandes homens? Em outros termos,

que faz que certos individuos sejam collocados acima da grande maioria dos seus semelhantes, luctando contra o senso commun e contra os preconceitos do tempo? Esta superioridade pôde-se manifestar em todas as creações fundamentaes da humanidade: na religião, na sciencia, na politica, na industria e na arte. Citemos alguns exemplos. Todos os homens viam no século XVI, em Londres, casos de loucura, de ciume, de avareza e de outras paixões humanas. Mas só o grande Shakespeare soube descobrir-lhes as leis e as evoluções fataes, de modo que, só no século XIX, a sciencia psychica se habilitou a estudar psychiátricamente a obra do insigne dramaturgo inglez. Todos os fieis viam na cathedral de Pisa uma lampada suspensa, que balançava lentamente. Sómente Galileu comprehendeu todo o alcance daquelle movimento e descobriu a lei do isochronismo das ondulações do pendulo, lei que elle mesmo utilizou incontinentemente para a regularização dos relogios. O uso do fogo é contemporaneo do homem ha centenas de séculos e a agua tem estado, innumeradas vezes, em ebulição. Mas foi necessario um homem de genio para revelar a fôrça ali expandida e applical-a ás necessidades da industria. Daqui se conclúe que a qualidade característica do genio é, segundo o dr. Araujo Jorge, a originalidade no modo de ser impressionado pelos phenómenos do mundo e de explical-os á luz do seu espirito, é esta faculdade inventiva que descobre sempre em todos os problemas uma face até então velada á investigação humana. E' uma diplopia mental—continúa o autor citado—que devisa nas coisas um aspecto novo, além do reservado á generalidade dos mortaes, creando, assim, um mundo ideal e phantástico á semelhança daquelle em que vivia mergulhado Phídias, que, quando esculpia uma estatua de Júpiter, não tinha sob as vistas um modelo commun, mas um typo perfeito, ideal de belleza, que lhe guiava a mão e a arte, segundo a expressão de Cicero. E', pois, a originalidade o cunho especial do genio, da mais elevada synthetização mental, affectiva ou volitiva, que se pôde encontrar num cérebro humano. Assim pensam todos os escriptores que se têm occupado deste magno problema.

Mas aqui surge uma difficuldade, que tem dado logar a largas e interminaveis discussões.

O louco, o *d. generado*, tambem possúe uma imaginação bizarra, um raciocinio original, ás vezes entrecortado de scintillações deslumbrantes e encantadoras. Como delimitar os dois campos de acção? Não será o genio mais do que uma *psychóse degenerativa de carácter epileptóide*, como queria Lombroso, de accôrdo com as idéas de Moreau (de Tours)? Não raro, a singularidade do grande homem ultrapassa toda uma

geração, todo um século e só vai ser compreendida por muitas gerações de séculos posteriores. As sublimes adivinhações de Rogerio Bacon sobre a pólvora, o balão e a locomotiva dependeram de centenas de annos para vingarem a aceitação geral. E' incontestavel que a grande maioria dos heróes do trabalho, estudados á luz da psiquiatria, accusam estigmas somaticos e taras psychicas evidentes de degenerescencia. Aristóteles já havia previsto que *nullam magnum ingenium sine quâdam mixtura dementiae*. E os poucos que parecem gosar de normalidade physica e mental, não estão ainda cabal e devidamente estudados. A clinica *retrospectiva* ainda não pôde reunir os dados sufficientes para firmar, a respeito destes, uma diagnóse completa. No entanto, Richet estabelece a seguinte distincção entre a loucura e o genio: nos *degenerados* devisa a imaginação ardente e desenfreada capaz das creações mais heteróclitas e extravagantes, sem um acamo que lhe contenha os impetos incoerciveis, ao passo que, nos *progenerados*, ao mesmo tempo que observa as faculdades imaginativas exaltadas e num estado continuo de excitação, vê tambem o senso critico que se desenrola parallelamente com a ideação inventiva. Diz o citado Richet: «On peut donc admettre, dans toute conception géniale, deux éléments bien distincts: d'une part, la création originale et anormale et, d'autre part, l'esprit de revision et de critique. Les fous ont la création originale; mais, ils ne sont pas en état de la corriger par une sévère critique. Les hommes vulgaires ont peut-être l'esprit critique: ils n'ont pas de création originale. Ils sont alors, tout comme les fous, mais par d'autres motifs, incapables de créer une œuvre supérieure». E' o que Bruno (J. Pereira Sampaio) pensa sobre o processo da ideação na criação genial ou descoberta, que segundo este operoso escriptor portuguez, atravessa três momentos: o primeiro é o da *acquirição* do problema com todos os seus termos; o segundo é o da *irrupção* na consciencia da idéa resolutora da dificuldade a vencer; o terceiro é o da *verificação* ulterior desta solução hypothética. Bruno vê na primeira e ultima phase da actividade mental um mero serviço da intellectualidade ordinaria, enquanto que a segunda é o monopólio do genio. Este trabalho de verificação, de critica, de bom senso, pôde ser praticado pelo proprio inventor ou por outros individuos menos dotados, contemporaneos ou posteriores; mas é essencial para se saber si a descoberta é um producto normal, de acôrdo com as circumstancias, com os factos e as leis conhecidas, ou uma entidade aerea, desordenada e improficua, fruto malsão de um espirito desequilibrado. E' neste sentido que se deve entender estas sentenças de João Müller: «A imagi

nação é um dom necessario; devemos-lhe as combinações novas que conduzem ás grandes descobertas. O poder analytico da razão e a imaginação que amplifica e generaliza devem fazer harmonicamente equilibrio no espirito do naturalista. Sem este equilibrio, o naturalista é arrebatado por sua imaginação para do dominio das chimeras; com elle, pelo contrario, um naturalista, dotado de algum merito, é conduzido pela força de sua razão ás mais importantes descobertas. Estes preceitos, que o scientista allemão applica ás sciencias naturaes, têm inteiro cabimento em todos os ramos da actividade humana. O cúmulo da originalidade mórbida, uma das manifestações infinitas da loucura, faz com que o paciente se considere o unico eleito do céu, com o privilegio do genio, enquanto o resto dos mortaes rasteja no lodo das vulgaridades obscuras e abjectas. É uma forma typica da megalomania.

A célebre definição de Buffon—o genio é uma longa paciencia—póde, quando muito, applicar-se ao talento, que collecciona os factos empiricos, assimila os conhecimentos do seu tempo e divulga-os com a lucidez do bom senso, sem nada acrescentar ao patrimonio intellectual da humanidade.

O genio póde tambem ter o talento da paciencia e da perseverança; mas o que o caracteriza, como um phenómeno excepcional, é a sua immoderação e excentricidade, o seu modo especial de ver o que os outros não vêem. Aos onze annos, Pascal refórma a geometria, aos dezoito, renova a physica. Newton, observando a queda de uma maçã no parque da casa paterna, descobre a lei da gravitação universal. Quer se trate de um quadro, de uma peça de theatro, de um theorema de mechânica, ou de um plano de batalha, o phenómeno genial reveste, sempre, o character da originalidade creadora, distinguindo-se das operações mentaes do vulgo e do louco. Todavia, como os extremos se tocam, não é raro que a loucura assuma as apparencias da genialidade, e que esta accuse tara: physiológicas e psychológicas, pertença a familias de degenerados, e acabem ambos, louco e genio, internados num hospicio.

(Continúa)

HYGINO CUNHA.



Inverno

Troam trovões, em tons longos de guerra,
É o soturno rumôr,
Echoando
De valle em valle, serra em serra,
Todas as forças vivas acordando,
Em rugidos de amôr,
Parece despertar o coração da terra.

É o inverno que ahí vem, turbido e frio,
Com o seu manto nimboso e plumbeo véu
A velar, a obumbrar, torvo e sombrio
A gloria azul do céu.

E a esta lassidão das forças vivas,
Obrigadas a um lúrido abandono,
Para os mysterios da fecundação,
A vida a concentrar nas seivas primitivas,
Num somno germinal—o voluptuoso somno
Em que as cousas estão,
Em bando as andorinhas fugitivas,
O azul varando com os punhaes das asas,
A' chegada da frigida estação,
Deixam saudosas o beiral das casas
E espaço em fóra lá se vão . . .

Passa em tudo uma sombra de tristeza
E viuvez,
Na angustia maternal da Natureza
Que morre e vive, sem morrer talvez . . .

AS MARAVILHAS DO REINO ANIMAL (*)

(Conclusão)

Procurámos demonstrar em o nosso primeiro artigo a intelligencia de que são dotados alguns representantes do reino zoologico; no] presente, estudaremos as suas habilidades na construcção dos seus aposentos, architectura, etc, etc.

A habitação da lontra é bastante curiosa:

A entrada é feita a 50 ou 60 centimentos acima do nivel das aguas, nas ribanceiras dos rios, lagos etc. Dahi parte um corredor de 1 metro a 1,50 centimentos, de comprimento, com subida obliqua que se communica a um vasto compartimento atapetado de hervas e livre da humidade.

Do corredor principal parte um outro mais estreito que serve para ventilador, tendo a abertura á superficie da torrente sempre occulto entre as moutas de matos para que a habitação se possa esconder ás vistas curiosas.

O castor se revela um excellent architecto e engenheiro hydraulico na construcção dos seus diques; faz sua habitação com ramos e terra molhada taes quaes as nossas casas de taipa. As topeiras constroem admiraveis aposentos cheios de gallerias abobadadas.

(*) Veja *Litericultura* de 30 de junho ultimo.

O João de Barros, faz o ninho com uma argamassa de argilla em forma de pomo, com a porta voltada sempre para o lado opposto aos ventos reinantes e perfura o ninho internamente com uma galeria em caracol depositando os ovos no fundo da mesma. As andorinhas tambem edificam seus apertos com uma argamassa de argilla e lhes dão variadas e curiosas formas. O pintasilgo é dotado de um prodigioso talento de architectura. Servindo-se das patas e do pequeno bico, constroe, em 3 dias, com aprimorada industria, um ninho que é uma maravilha de perfeição e solidez, revestindo-o externamente de musgos e finas hervas seccas e internamente de lamagem vegetal de crina e de pelles de mamiferos.

Estes ninhos, que possuem a forma de taça, ora escondem nos sitios escuros, ora o dispõem entre os ramos das arvores, ora o fixam na extremidade do alto ramo de qualquer arvore de forma a ser docemente embalado pelo sopro da viração.

É notavel a intelligencia que as abelhas desenvolvem para a architectura. São geometras por adoptarem a forma exagonal com um fundo piramidal que permite fazer o maior numero de cellulas em um espaço dado, com a menor quantidade de material e economia de tempo.

Se alguém nos disser que as leis que regem a Economia politica ou Rural foram inspiradas por tão pequeninos animaes, não nos causará admiração.

Existem variedades de formigas que constroem verdadeiros edificios demonstrando um conhecimento tão perfeito de architectura quanto as abelhas.

Na Africa e na Australia encontram-se vivendas curiosissimas construidas por estes pequeninos insectos.

Estas construcções são feitas de terra e de substancias vegetaes mastigadas, misturadas e amassadas com o liquido que expellem.

Possuem formas diversos, ás vezes conicas, hemisphericas; outras semelham a um pagode hindu.

Diz Petrucci que o admiravel mundo das formigas apresenta uma organização social superior ao da abelha.

O ninho construido pelas formigas brancas é um primor; o labirinto de suas galerias e os cones subterraneos bastam para attestar o seu conhecimento de engenheria. Já deveis ter observado nas rochas, á beira das praias, innumerous orificios perfeitamente circulares formando verdadeiros tuneis; são estes orificios nada mais nada menos que o trabalho dos moluscus pholadarios.

Estes pequeninos animaes faram as rochas calcareas e muitas vezes as graniticas e fazem com tal perfeição como se fossem feitas com um berbequim.

Ahi vivem perfeitamente pois tem sempre agua e alimento trazidos pelo mar, não receiam os embates das ondas, nem a violencia das tempestades, nem os peixes e aves maritimas, bem assim os mais vorazes crustaceos po tem atacal-os nos seus inexpugnaveis castellos de pedra.

Vejamos agora a utilidade de alguns animaes.

O pintasilgo, é uma avezinha util que merece ser poderosamente protegida porque se nutre de vegetaes nocivos e principalmente de sementes prejudiciaes, somente quando em absoluto lhe faltam as plantas e sementes é que a custo se utilizam dos vegetaes cultivados para mitigarem a fome, mas, pagam generosamente esta destruição com cantares alegres que tanto deliciaem os nossos ouvidos.

E' tão avultado o numero das aves uteis á sociedade que já nos occupámos deste assumpto em um trabalho publicado no «Diario do Piauhy».

Entretanto, fazemos aqui uma excepção ao pardal, visto ser por espiritos inconscientes considerado como animal prejudicial e damninho. Não resta duvida que esta avezinha damnifica algumas culturas, hortenses, mas, em compensação, destroe uma quantidade consideravel de lagartos e outros insectos que muito mais consideraveis prejuizos causariam aos campos cultivados se os pardaes não existissem.

O avertruz camello que mede 2,50 de altura e 2 metros de comprimento é empregado como animal de tiro e de carga em muitos pontos da Africa.

O sapo é o principal auxiliar do jardineiro, devora as aranhas, os vermes e toda sorte de insectos que causam dnmno ás plantações, sem jamais cansar, pois trabalha sempre dia e noite. Citam-se factos de sapos que, collocados em pequenos jardins, ah' se conservam por 8 a 10 annos prestando sempre valiosos trabalhos ao jardineiro, sob sua vigilancia.

Entre os insectos que muito auxiliam a cultura do solo temos a concha, da grande divisão dos coleopteros.

Diz Michelet que os garochos são tribus de guerreiros armados até os dentes que, sob suas pesadas couraças, possuem uma actividade abrazadora e que se constituem verdadeiros guardas campestes não permittindo nunca que os animaes toquem na menor planta, seres que vivem unicamente para agarrar ladrões, não pedindo salario alem do corpo do proprio ladrão. Alimentam se com os lagartos e todos os insectos nocivos que buscam e destroem com voraz encarniçamento. Mesmo entre os acrideos, considerados devastadores dos cereaes, e nhecemos uma especie que constitue o maior auxiliar do agriculor.

Referimo-nos á locusta, insecto eminentemente carnívoro.

As abelhas vespas e zangões, ás vezes quando lhes falta alimento, costumam estragar as folhas tenras das arvores, mas devemos perdoar-lhes os seus defeitos pelas vantagens que trazem á jardinagem e horticultura, concorrendo em alto gráu para a fecundação das plantas, para a abundante produção dos frutos, etc.

Entre as formigas temos as cuiabanas, que expontaneamente se encarrejam de exterminar as perigosissimas saúvas e outras especies não menos prejudiciaes á lavoura.

Entre os ophidios temos uma cobra não venenosa e man-

sa, conhecida vulgarmente por Musurana, que se alimenta exclusivamente de frutos venenosos, motivo por que devemos protegê-la e, se for possível, facilitar a sua procreação.

Muitos outros animais conhecemos que são de grande utilidade para a agricultura, mas devido á falta de espaço de que dispomos e para não nos tornarmos enfadonhos, passamos a examinar os meios de defesa que os animais empregam para com os seus inimigos.

Os orangotangos defendem-se dos perseguidores atirando-lhes pedras e ramos de arvores; sabem organizar um plano de combate, collocam as fêmeas e os pequenos em logares seguros antes de emprehenderem a lucta e começam a pelea por meios de estridentes gritos.

Behem encontrou na Abissinia uma grande manada de babinos atravessando um valle. Uma parte destes estava na vertente opposta, enquanto os demais estavam ainda em baixo.

Estes ultimos foram atacados por cães; os machos, velhos, em vez de fugir, precipitaram-se logo pelas rochas abaixo com a bocca aberta e o seu aspecto era tão feroz que os cães amedrontados fugiram. Animaram-se e aqularam-se os cães para novos ataques, mas durante esta tregua todos os babinos fugiram, apenas um novo, de seis mezes de idade, se tinha refugiado em cima de uma rocha e vendo-se cercado pedia socorro em grandes gritos. Um dos macacos mais vigorosos, verdadeiro heroe, desceu a montanha dirigiu-se para o sitio onde se encontrava o companheiro, tranquilizou-o, e, por fim, levou-o em triumpho, porque os cães surprehendidos e espantados não se atreveram a atacá-lo.

Os gorillas munem-se muitas vezes de um páu para marcharem e servem-se delle tambem como arma defensiva que manobram com destreza e que se torna terrível nas suas mãos. Citam-se casos destes animais de tomarem a arma do caçador, quebrá-la e com os seus pedaços matar o seu perseguidor.

O zonela, sabendo que possui uma mina extremamente fetida, a atira sobre os caes e outros animais quando o perseguem certo de que com isso faz cessar a perseguição.

Entre as formigas brancas os soldados são como entre os habitantes de Sião — de ambos os sexos. Constituem em media 20 % da população e distinguem-se pelo tamanho enorme da cabeça; são cegos, mas isto não impede de combaterem, o que fazem com heroismo quando se offerece oportunidade. Em algumas especies a arma de combate é uma especie de corninho que, na lucta, crava nos inimigos e expelle um liquido viscoso de terrível propriedade toxica.

Os porcos espinhos, quando perseguidos pelos cães e outros animais, defendem-se, atirando-lhes espinhos que se desprendem do seu couro. Tem uma pentaria certa.

O teú, quando perseguido pelos outros animais, defende-se com a cauda a qual maneja com grande facilidade, como se fosse um chicote na mão de um homem.

A cauan, ave carnívora, na cata de cobras venenosas, procura primeiramente enfezal-a; isto uma vez conseguido, aproxima-se do ophidio, estende a asa sobre uma das pernas e quando esta lhe atira o bote, agarra-a com a outra perna a conduzindo para o espaço de onde volta mais tarde para devorá-la.

Existem também peixes possuidores de armas poderosíssimas e envenadas.

A ocitaria possui na extremidade da cauda filamentosa uma capsula contendo uma especie de longo fio, enrolado em espiral, e no mesmo um liquido venenoso.

Desde que uma presa, por seu contacto, excite este órgão, o fio acerado penetra-lhe nas carnes, injectando a substancia venenosa. Outros afugentam o inimigo com descargas electricas (tremelgos).

No Brazil encontra-se uma variedade de peixe que também se defende dos inimigos por meio do veneno que traz em uma bolsa na base da cauda — é o thalossophynos reticulata.

Com sua vista aquilina o gavião examina o galinheiro do alto do seu vôo, ao mesmo tempo que namora o bando, a escolher uma bôa galinha. A este tempo já o gallo mestre deu signal de alarme, n'um grito rouco mas estridente, que immediatamente põe em sobresalto todas as tribus e tudo foge ou se prepara para se esconder. Nem sempre o gavião ataca desde logo; desfarçando continua o seu vôo para d'ahi a pouco voltar e examinar mais uma vez as condições do terreno e dar o ataque decisivo.

Vejamos agora se os animaes inferiores observam os preceitos da hygiene. Como defesa preventiva contra o ataque das enfermidades, temos, em primeiro logar, as abelhas e as formigas.

Na colmeia existem abelhas operarias cujo serviço è zelar pela limpeza e ordem do aposento, calafectando-o, ventilando-o, etc.

Quando o ar do cortiço torna-se viciado, irrefriavel, as abelhas collocam-se em linhas, intelligentemente dispostas e agitam rapidamente as asas, estabelecendo, assim, uma corrente de ar puro dentro das colmeias e mantendo a temperatura indispensavel aos seus misteres. O cadaver dos animaes ou companheiras mortas é levado para fóra e se algum inimigo morre dentro do aposento e não pode ser transportado para o exterior, ahi mesmo é envolvido numa forte camada de propolis. As formigas vermelhas e as pintadas conduzem para longe dos formigueiros o cadaver das companheiras mortas e toda sorte de immundicie com o fim de afastar das galerias o cheiro das putrefacção.

As formigas brancas são consideradas como os animaes mais limpos que existem, embora pratiquem esta limpeza de um modo bastante singular.

Não podem suportar nos ninhos a menor sujudade, seja de qualquer natureza for, mas, em logar de levarem para

longe o que lhes causa repugnancia, appellam para outros processos que fazem desaparecer, para sempre, a porcaria—comem-nas.

Até o cadaver das companheiras são devoradas antes de apodrecerem. Mas, nem por isso, se alimentam de productos avariados ou putridos.

Diz-nos o Dr. Arthur Bearem, que muitas experiencias feitas affirmam que as aves annunciam o proximo apparecimento das epidemias de febre amarella, etc.

Acredita-se que entre as andorinhas o serviço sanitario é feito de um modo rigorosissimo, tanto assim que ellas fogem quando está proximo o apparecimento das epidemias contagiosas.

Um historiador insuspeito cita o caso seguinte:

Um dia, n'uma cidade do Egypto, um viajante viu de repente milhares de andorinhas reunirem-se, formarem um grande bando e partirem em debandada, desaparecendo, em pouco, no espaço. Como não era a epoca em que ellas atravessam o mar, indo para a Europa procurar outra temperatura, o viajante communicou o seu espanto a um habitante do pais. Sabe o que isto significa? respondeu este: quer dizer que dentro de uma semana teremos o cholera. Já por duas vezes pude verificar isto. E, effectivamente, dahi a pouco declarou-se o cholera...

Vejamos agora o que ha sobre o verdadeiro amor entre os animaes.

A existencia da paixão entre os macacos superiores por mais de uma vez tem sido constatada por naturalistas europeus.

Sentem compaixão pelos seus semelhantes, amam extremosamente os filhos, amparam os orphãos e defendem os fracos. Os grandes macacos mostram-se muito sensiveis aos encantos da mulher e citam-se muitos rasgos de paixão que honram mais o seu bom gosto que o da sua moralidade—no que não se differenciam, muito, dos homens.

Um grande naturalista inglez, William Wilson, diz ter conhecido um macaco, perto de Ceilão, que amava loucamente uma mocinha de 18 annos e que levado pelo ciúme que mostrava possuir pela moça tiveram que encerrar em uma gaiola de ferro. O animal, logo após ser encerrado, apresentou symptomas bem característicos de loucura furiosa, permanecendo neste lamentavel estado durante 12 horas, quando cahiu em um pranto copioso, acompanhado de soluços e gemidos. A mocinha amava-o tambem, mas temendo ser por elle agredida, uma vez em liberdade, preferiu soffrer a assim proceder.

Decorrido dois dias, o animal mostrou-se tão abatido, que já nem sequer podia soluçar; davam signaes de sua profunda dor as copiosas lagrimas que lhe escorriam pelas faces. Ao anoitecer, a eleita de seu coração, approximou-se cautelosa de sua prisão afim de examinar o seu estado e notou que elle

mal pôde levantar a cabeça. Condoída deante de tanto sofrimento pediu que abrissem a porta do seu carcere. Mas, era tarde, o pobre animal ao ver deante de si a imagem da mulher amada soltou um longo gemido surdo e caliu sem vida.

O amor conjugal e maternal das cegonhas é conhecido em todo o mundo. Logo que os pequeninos filhos sahem, o pae e a mae trazem-lhes diariamente abundante sustento, vi-giam alternativamente pela sua segurança até que estejam em estado de poder servirem-se das asas e se algum delles é ferido, logo se vê cercado de carinhos.

Quando o sol está mais intenso, de modo que possa ser nocivo aos filhinhos tenros, estendem sobre elles as asas, rece-bendo nellas os raios do sol abrazador, sendo consigo crueis por serem piedosos para com elles. Este grande amor que votam as cegonhas aos filhos, se observa destes para com os pais quando se acham em idade adeantada: alimentam os velhos pais nos ninhos e quando, por qualquer motivo, são obrigados a mudar de aposentos, os filhos estendem as asas, tomam sobre ellas os velhos paes e os transportam para o sitio em que hão de morar.

O amor filial dos leões é bem conhecido dos naturalistas. Quando os leões se acham já velhos, inhabeis para caçar, sahem com seus cachorros e esperam-nos em certo ponto onde estes lhes trazem a caça que conseguiram apanhar, abraçando-os e lambendo-lhes a cara em signal de agradecimento e amor.

Diz Nausen, o grande explorador arctico, ter encontrado nas regiões polares focas cegas guiadas por companheiras suas.

Na historia natural se encontram paginas e paginas registrando o amor e a fidelidade dos cães.

O porco, no estado selvagem, é monogamo intransigente e escolhe uma companheira cuja relação só a morte poderá interromper. Cuida amorosamente dos pequenos filhos e defende-os com heroismo contra os mais terriveis inimigos.

A lontra é extremosa pelos filhos e prefere deixar-se matar a abandonal-os em caso de perigo. Se lhe tiram os filhos, persegue o roubador manifestando a sua dor por gritos semelhantes aos da voz humana.

Tambem os pequenos filhos ao chamarem a mãe, nota-se no tom da voz dos seus queixumes uma grande semelhança com a das creanças.

Nas aves se reconhece um perfeito modelo de amor conjugal e ternura conjugal. Entre os passaros, diz Petrucci, a protecção do individuo e da especie conduz á propriedade permanente ou temporaria do ninho e na construcção de moradas ou agrupamentos collectivos, são respeitadas os direitos dos grupos menores, assim como o da familia ou do individuo.

Entre outras especies a vida sentimental cria propriedades individuaes particulares, os ninhos de recreio com garra-dices ornamentadas para onde o mocho vai com a feinea escolhida gosar as delicias do primeiro amor—ou a lua de mel.

Alguns naturalistas dizem que, ás vezes, quando a fema dos pintasilgos morre no periodo intenso da criação, as fêmeas dos ninhos estranhos, mais proximos, se encarregam com verdadeira dedicação de sustentar e cuidar os pequeninos orphãos.

O tubarão tem excellentes qualidades. Em primeiro lugar, é um animal monogamo e fiel á sua cara metade durante a época dos seus amores.

Vejamos, finalmente, se entre os animaes inferiores, como entre os superiores, existem individuos ciosos e barbaros.

Tambem entre os animaes inferiores se constata typos inimigos do trabalho e ingratos.

O cuco não faz ninho: deposita seus ovos num dos choccos e quando se vêem criados recompensam o labor do pae adoptivo devorando-o. O choupim, tambem não faz ninho, como o cuco, deposita seus ovos no ninho do tico-tico, que se encarrega de chocal-os e depois de nascidos de sua alimentação até estado adulto.

O zangão só cuida de comer o mel fabricado pelas operarias e dormir, porem chega um tempo em que os neutros se revoltam ante sua ociosidade e o matam.

O representante mais perfeito da ociosidade no reino animal é a preguiça—animal extremamente ocioso.

Creemos já haver escripto bastante para provar que, mesmo entre os animaes inferiores, existem muitas bellezas e maravilhas.

R. Fernandes e Silva.



DA JANELLA

Solçam flautas e violões . . . E a lua,
Que branca e pallida flutua,
Sonnabulando pelos espaços.
Lembra um anjo de luz espargindo meiguice,
Um anjo que, do azul, docemente sorrisse,
Abrindo-me os seus braços . . .

E cada nota qua oiço, cada nota
Se me atigura
O gemido de maa illusão remota
Que, ouvindo a minha prece,
Se erguesse então da sua sepultura
Para falar de ti, ó meu triste passado,
Cuja voz me parece
A voz de um velho sino a dobrar a finado . . .

E choro. E, no deslizar das lágrimas sinceras,
Eu cuído ver, num voar suave e divino,
Passarem, como outr'ora,
Cheios do alvor de estranhas primaveras,
Meus sonhos de menino . . .

Ai! lindos sonhos que se foram embora!

Foram-se e eu fiquei só . . . Da profundeza
Desta saudade que não dorme,
Escuto em côro
O requiem de uma tristeza,
A plangencia de uma tristeza enorme.

O' flautas e ó dulcíssimos violões,
Basta! não choreis mais, que o vosso choro
Faz mal aos nossos corações . . .
Calai-vos, ó sandosos instrumentos
Que andais em serenatas,
Emmudecei-vos por piedade,
Que as vossas sereníssimas volatas,
Fazendo reviver meus sofrimentos,
Me dizem que eu não tive mocidade.

Antonio Chaves.



Traços de um perfil (*)

Fausto Cardoso, numa das suas esplendidas orações, distribue os povos em tres grupos: o dos sentimentaes, o dos intellectuaes e o dos volitivos. Os judeus, esmagados pelo fanatismo religioso, tangidos pela preocupação absorvente de uma theocracia universal, occupam o primelro. Os gregos, com a florescência assombrosa da arte e da philosophia, representam o segundo. Os romanos, ameaçando o mundo antigo com a audacia de suas aguias victoriosas, enquadram-se no terceiro.

Mais bem avisado, porem, fôra o sociologo brasileiro, si visse, em cada uma dessas manifestações, momentos historicos estreitamente presos, succedendo-se em ua ordem preexistente. Penso que, em vez de estados isolados, obedecem elles a uma evolução gradual que, certo, determinadas condições historicas podem interromper, como podem motivar a sua coexistencia. Assim, os judeus não estavam mais no dominio do sentimento, quando as legiões dos cesares devastaram as virides estancias em que os prophetas tinham visões do ceu e os anjos confabulavam com as virgens. Tinham atravessado os estados anteriores, do que nos dão noticia as allucinações propheticas, sua intolerancia religiosa e os poucos monumentos literarios que o incendio e a furia dos conquistadores não attingiram—como, para citar um, esse livro profundo da Sabedoria. Andavam em pleno estado volitivo,—manifestado claramente na energia com que se oppuzeram á invasão, nas tentativas messianicas—apparentemente de ca-

(*) Prefacio do DISCURSOS, Dr. Areolino de Abreu, *Imp. Off.*

racter religioso, mas essencialmente político, e, ainda, em a unidade de raça que, depois de expulsos, entre os povos mais diversos, nas mais diversas condições mesológicas, mantiveram e mantêm.

O mesmo acontece com os romanos. O seu período sentimental avança pelo domínio dos reis. É uma phase nebulosa. Abi se esboçam, se accentuam e se completam as lendas que nos deixaram. A conquista dos gregos provoca, entretanto, sua phase intellectual. E quando a victoria de Actium entrega a Octavio o mundo antigo, já as letras romanas se têm enriquecido com o poema de Lucrecio, Virgilio conquistara o primeiro logar entre os poetas de seu tempo e o espirito saltitante de Horacio estava em todo o esplendor. Na tribuna, em a poesia, uma aristocracia do talento se impunha. Eram reputações feitas, ou celebridades em começo. Virgilio, Lucrecio, Horacio, Tito Livio, Ovidio, Salustio, o proprio Augusto—que deu o nome a seu seculo, preparavam monumentos que resistiram a todos os desastres do imperio e se mantêm integros e perfectos, agora, dois mil annos depois.

Em Augusto, é que o período volitivo dos romanos se manifesta francamente, não só com as medidas tomadas para manter a unidade do imperio, como para lhe ampliar o immenso territorio. Por inspiração sua, é que as legiões romanas invadem a Hespanha, a Germania, a Arabia, a Armenia, a Africa. Pode-se consideral-a a idade de ouro das grandes conquistas...

Nos gregos, não se pode determinar a mesma rigorosa evolução. A situação geographica da região, as divergencias radicais dos elementos que contribuíram para a sua constituição ethnica, a falta de assimilação reciproca desses elementos, as tendencias de absorção evidenciadas desde cedo, despertaram nas massas os instinctos guerreiros, modificando os costumes e determinando a transformação das primitivas cidades em cidades militares. Travam-se luctas internas. As tendencias guerreiras despertam nos vencedores ambições adormecidas. Os povos vizinhos sentem-se ameaçados e as hostilidades não têm treguas, —sobretudo dentro do país.

Essas circumstancias perturbaram e interromperam, mesmo, a evolução normal da raça, o que explica só se manifeste seu estado intellectual no seculo de Pericles. Certo, notaveis rhapsodias, a *Illiado*, a *Odiseia*, o poema cosmogonico de Hesiodo appareceram antes. E, porem, no seculo de Pericles que a formação litteraria chega á perfeição suprema: as tragedias com Eschylo e Sophocles, a historia com Herodoto, Thucydides e Xenophonte; a philosophia, com Platão e Aristoteles, a eloquência, emfim, com os oradores atticos, no primeiro plano dos quaes brilham Isocrates, Demosthenes, Eschine, Lysias, Hyperides e Lycurgo. Durante tres seculos esse estado se mantem. As energias volitivas do povo, no entanto, estavam esgotadas, o que se vê do modo por que foi o país reduzido á provincia romana...

Dahi o affirmar que, si os tres estados se succedem, circumstancias historicas podem perturbal-as e, mesmo, interrompel-as.

A historia contemporanea nos dá, ainda, exemplos de que, no passo que a Alemanha e a Inglaterra sahiu em franco periodo volitivo, a Italia tem os ultimos brilhos do esplendor intellectual a que attingiu com a Renascença, e France, não sahida do mesmo periodo, Portugal, e Hespanha, e Turquia, e Russia se mantem no periodo sentimental. Na America, a situação não varia menos: os Estados Unidos estão, assim, no alto grau do periodo volitivo, tendo apenas afforado o periodo intellectual, a America hespanhola e o Brazil não sahiram do periodo sentimental, — não obstante a intensidade apparente de vida mental que se observa nas capitães e cidades interiores. A generalização, pois, fica um erro.

Para melhor o demonstrar, particularizemos a observação ao Piauí.

O piauiense é, em geral, triste. Carente de horas inteiras abstrae-se. No trabalho é mais. Voltando é mais, depois de horas de intenso labor, deixa a vida que está estuda no copiar e deixa-se. Fica ali até que, de novo, tenha de voltar à terra. Mas, ninguém se illuda. A stuma é apparente. Uma scotilha pode estar innocente, e, então, a primitiva sobriedade dos gestos, o sustento, o rigo do olhar desaparecem, repentinamente e a paixão empolva-o, domina-o, transforma-o: tem uma agilidade felina, o olhar accende-se em chamma terrível — é todo movimento, é todo nervos, é todo vida...

Não se subtrahio, é influencia das *braves mœurs* que predominam em as primeiras phases da consciencia religiosa. É catholico, pelo tenor do inferno. Seu deus, dotado de gómites humanos, é um phantasma cruel — que o segue a toda parte, com um gladio virgula que não conhece remissão. Mistio de heichismo, de luxurios e de voluptation, a sua religiosidade é, assim, um amalago de idéas grandiosas e sentimentos inferiores. Mas os elementos do sorriso, a atmospheria moral em que vive, a simplicidade quasi ingenua dos hábitos que a tradição lhe transmitta e que conserva, fazem d'elle um espirito redente, honesto e puro. Não existe o piadinho. O faro é um facto realdo. Crasso-se os rebanhos no pasto, os cães não têm mais que uma colera a velar-lhes a entrada e, não por isso, diminuo o respeito que inspiram. Os crimes não tentam as pessoas e têm como factores o alcoolismo e o crime...

Sua arte refuz-se à musica e à dança. Seu instrumento predilecto é a viola, instrumento nostalgico, enervante, e mais proprio para a expressão das suas analogias sentimentaes. As composições musicaes, que produce, são em sua maioria. A dança é de natureza de danças africanas e indígenas, movimentos ora cadenciados, ora coleros, memora de sacra, patria voluptuosa. O drama, o óvredo são causas caracteristicas.

Toda a sensualidade irreprimível da raça, atração-se nesses exercícios. E, aqui, como em tudo, é elle um escravo dos sentidos...

Na capital, em algumas cidades do interior, a modificação dos costumes pela intervenção de outros elementos, a atração das carreiras liberaes, a diffusão relativa da instrução alteram o typo que ficou esboçado. Nesses meios, especialmente aqui, parece alvorecer o periodo intellectual. Ha mesmo, casos de evolução intégral psychica.

Determinaram-na os factores ahí apontados. Ainda nesses casos, porem, a influencia dos outros estados é visivel—mesmo porque, registremos, as tres faculdades fundamentaes do espirito se conjugam e, quando alguma prepondera, è, sempre, possível perceber a acção das demais.

* * *

AREOLINO DE ABREU era um d'esses raros typos de evolução integral. Moço, com o sangue ardente deste clima de fogo, retratando no intimo das abstracções as bellezas majestosas da terra do seu berço, a sua imaginação irradiava impetuosa. Tinha ancias de espaço. Debatia-se. Precisava extravasar-se—e extravasou-se na ternura adoravel de seus primeiros versos. Foi lyrico. O lyrismo estava em toda a florescencia. Não cedeu elle, entretanto, a injunções de escola. Cedeu aos impulsos de sua esthese—sem torturas de forma, sem rebuscamentos de rimas, na serena expansão dos sentimentos em que vibrava.

Hoje não seria comprehendido. A poesia atravessa uma crise delicada. O artista substituiu o poeta. O verso novo, cheio, pletorico, é arranjado com uma paciencia benedictina, aos pedaços, ás syllabas, por meio de formulas que só os iniciados conhecem. Tudo que era corrente sobre a prolação dos phonemas, desapareceu. Não ha *liberdade* poetica: ha licença. A tortura da rima attinge as proporções de uma nevrose. E como a condemnação dos pontifices da Arte cahiu sobre a poesia subjectiva; como o poeta deve ser impessoal; como deve procurar, em a natureza, motivos de inspiração, incorrem no ridiculo os velhos moldes e, em vez de despertar sensações estheticas, è razão para um sorriso zombeteiro a tradução dos proprios sentimentos...

Ora, a poesia de AREOLINO DE ABREU è a do seu tempo. È a que melhor correspondia ás suas necessidades de exteriorização, è a que podia moldar os sentimentos que o agitavam. Assim, não foi artista—foi poeta. O verso è uma synthese. Aproveitou-o para reproduir estados *emocionaes*. E nem se devera pretender que se avantajasse á sua epoca.

Simple, não subordinando ás rimas a idéa, seria mal julgado agora,—tanto que não é por esse aspecto que desejo apresental-o. Si o registro, é para acentuar que é o estado sentimental o primeiro periodo de sua formação.